

ARJ20403
TARCÍSIO BAHIA DE ANDRADE

O que é uma boa cidade? Uma resposta seria: uma cidade boa de se viver, isto é, boa para seus cidadãos. Este ponto de vista, evidentemente ambíguo, tem profunda pertinência no momento atual. Isto por dois motivos: 1 – a maior parte da população brasileira (e mundial) vive em centros urbanos; 2 – em tempos de crise, seja econômica ou política, a capacidade de solidariedade de cada cidadão tem repercussão determinante sobre os destinos destas próprias crises, em sentido favorável ou não aos próprios cidadãos. São nos centros urbanos, ou seja, nas cidades, onde são traçados os rumos das crises; mas serão os cidadãos que terão um papel relevante na condução e no desfecho dessas indesejáveis conturbações sociais.

Portanto, mesmo numa crise de proporções nacionais, como a que estamos vivendo, uma comunidade urbana pode sentir minimamente os efeitos negativos proporcionados por tal tipo de turbulência, em função de uma adequada qualidade de vida oferecida por sua cidade. Isto nos leva de volta à questão inicial, porque, certamente, uma cidade para ser boa tem que preencher uma série de requisitos. Basicamente, tem que ser democrática. Todos os cidadãos têm o direito de desfrutar das estruturas e instituições sociais indiscriminadamente, isto é, direito à educação, à assistência médica, à habitação, ao trabalho, etc. Além disso, estão os temas comuns: saneamento, limpeza urbana, sistema viário e de transporte, segurança pública, etc. Mas, e como ponto determinante para a eficiência das questões anteriores, uma boa cidade, hoje, tem que ter uma economia dinâmica, estar em contato com o mundo, gerando, assim, trabalho, riqueza e desenvolvimento.

Com base nestas considerações, percebe-se que, mais do que nunca, é oportuno levantar a discussão sobre questões que tratam de nossa cidade; neste caso, por exemplo, para temas que tratam da conformação do espaço urbano, e que incidem diretamente na dinâmica da cidade. Então, como está Vitória neste panorama?

Inicialmente, deve-se ter em conta que o equilíbrio desejado nos ideais expostos são quase uma utopia, pois até hoje não se tem notícia de tal exemplo de “perfeição” na história das cidades. Mas as utopias continuarem sendo necessárias, pois conduzem os homens em direção a um melhor equilíbrio com o meio. E isto é algo que caracteriza bem uma cidade: o convívio dos homens num mesmo lugar, com o objetivo de, todos juntos, buscar uma vida melhor.

Assim, Vitória pode ser considerada uma cidade como outra qualquer. Cabe agora nos aproximarmos das circunstâncias locais, para avançarmos no tema.

Por seu tamanho, localização, arrecadação, Vitória é uma cidade extremamente viável, o que conduz naturalmente para que seja uma boa cidade. Aliás, em estudos comparativos de alcance nacional, Vitória tem sido considerada uma cidade com qualidade de vida superior à maioria das cidades brasileiras. De qualquer modo, nós, cidadãos do lugar, temos nossas próprias opiniões, e se reconhecermos as qualidades, também sabemos de muita coisa que ainda tem que melhorar. Enfim, e afinal de contas, como está Vitória?

Um dos aspectos positivos da Capital do Espírito Santo é a geografia que, por suas características, proporciona uma cidade com belas paisagens. Sim, porque uma cidade também tem que ser bonita. A beleza das cidades é fundamental na auto-estima de seus cidadãos, tendo, portanto, significativa relevância na qualidade de vida de cada um e de todos. E a paisagem natural tem papel importante nesse sentido. Veneza e Rio de Janeiro seriam referências obrigatórias nesse caso. Uma geografia peculiar, mas de caráter distinto, em ambos os lugares, possibilitou a existência de duas cidades singulares. Mas é necessário ressaltar um aspecto fundamental: cidades são resultado da ação do homem, genuína criação humana. Portanto, se a paisagem natural assume um papel considerável na conformação estética de uma cidade, são as transformações no território, impostas pelo homem, que determinam ou não a beleza das cidades. Atenemos então para a recíproca, pois existem cidades belíssimas em paisagens monótonas. E vemos Paris...

A ação humana sobre o território do arquipélago da Ilha de Vitória com o sentido de urbanizá-lo tem, como era de se esperar, realizado acertos e equívocos. E com relação à conformação do espaço urbano, e suas conseqüências, dois temas merecem ser tratados: a rede viária e o uso do solo.

Pensada em uma perspectiva moderna, toda a área de expansão de Vitória, em direção leste e norte, foi projetada com um sistema de vias centrais que articulam os bairros num eixo contínuo. Esta estrutura segue em paralelo por todo o espaço urbano, com uma via que margeia a baía e as praias, e outra interna. Nos limites dos bairros e nos eixos destes, outras vias, com características semelhantes, articulam o sistema, conformando uma estrutura supostamente solidária. Contudo, esse moderno plano viário tem gerado um problema crucial de circulação, não existente nos modelos ultrapassados, e que a engenharia de

trânsito da cidade ainda não equacionou satisfatoriamente. Todas estas vias tem duplo sentido de tráfego, isto é, são “mão dupla”. Quando duas vias dessas se encontram, surge um cruzamento normalmente caótico. Isto porque existem nestes pontos quatro sentidos de fluxo. Imaginando que para cada sentido, cada motorista, racionalmente formado na sociedade moderna, ao chegar ao cruzamento supõe poder optar entre ir em frente, virar à esquerda ou à direita, temos um verdadeiro nó viário, resultado de um conflito de interesses. Nas vias internas dos bairros, com pequeno fluxo de veículos, a Prefeitura tem tentado resolver este problema por meio de rotulas. Mas nas vias de fluxo intenso... Existem cruzamentos onde a sinalização nos impede de seguir em frente! Aí, o motorista fica confuso, o trânsito engarafa, buzinas, o pedestre – que não conta com sinalização exclusiva – não consegue atravessar a rua; neste momento a cidade não é boa para aqueles cidadãos que, estressados pela crise diária, ainda têm que lidar com o caos urbano.

UM DOS ASPECTOS POSITIVOS DA CAPITAL É A GEOGRAFIA

Nas cidades mais antigas, com vias até mais estreitas, a rede viária, normalmente, se compõe por binários de ruas, sempre com “mão única”. Nos cruzamentos não há conflitos.

Pode haver engarrafamentos, mas normalmente se deve à quantidade de veículos circulando pela cidade, em função do número de habitantes. Por outro lado, em Brasília, que já é um modelo histórico de planejamento moderno, os cruzamentos são resolvidos com grandes anéis circulares, que mantêm o fluxo sem interrupções. Vitória ainda não é uma cidade populosa, mas já tem seus engarrafamentos, em virtude, principalmente, dos equívocos de planejamento e da engenharia de trânsito.

O alargamento de algumas vias importantes da cidade, como tem sido planejado e levado a cabo pela Prefeitura, resolverá o problema em pontos específicos. Mas estamos falando de nós viários, aparentemente já equacionados pela Secretaria de Transporte. Aliás, ampliando o tema, a Ilha já conta com seis pontes e planeja-se construir ainda outras, mas já era hora de se efetivar a conexão de algumas vias por entre os morros (não necessariamente os enormes túneis, incluídos no planejamento estratégico, e que por seus custos dificilmente sairão do papel), como, por exemplo, um túnel sob o morro Gurigica, que conectasse as Avenidas Vitória e Rio Branco. Por sobre o mar e por baixo das pedras... que imagem!

Finalmente, algumas considerações

sobre o uso do solo. Já dissemos que uma boa cidade deve ser economicamente dinâmica, fácil de circular (inclusive a pé), e democrática. Percebe-se, em determinados segmentos da sociedade local uma posição conservadora quanto à dinamização dos usos, principalmente em determinados bairros. O planejamento que prevê a convivência pacífica e mútua entre os usos diversos, deve levar em consideração os aspectos anteriormente citados, sem cair, obviamente, em interesses especulativos. Contra-argumentar com questões sobre segurança, aumento de fluxo, etc, para justificar uma atitude preconceituosa e retrógrada, em nada contribui para o desenvolvimento da cidade. Viver em cidade é viver em comunidade.

Os bairros têm que ser bons para cada morador do bairro, como também para todo cidadão. A cidade tem que funcionar como um todo harmônico. Todos, sem exceção, devem ter o direito de morar num bairro, trabalhar em outro, estudar e fazer compras em outro ainda. Ou, se assim quiser e puder, viver exclusivamente em sua comunidade de vizinhança.

Um planejamento equilibrado deve proteger áreas residenciais sim. Mas também, deve levar em consideração o desenvolvimento econômico e social da cidade. Não há qualquer contradição na coexistência de usos, sejam estes residenciais, comerciais ou de serviços; muito pelo contrário, pois a diversidade é um dos principais instrumentos para a dinamização dos centros urbanos. Deste modo, as pessoas circulam, conhecem os diferentes bairros, as diferentes pessoas que compõem sua cidade. Senão, qual a vantagem de morar em um ambiente urbano?

Vitória é uma boa cidade. Mas algumas questões fundamentais de planejamento ainda merecem ser equacionadas. Outras não têm mais jeito, terão que ficar como estão, como é o caso do desenho da rede viária e o espaço fundiário. O fundamental é enxergar o problema, prever alternativas, viabilizá-las e executá-las. A Prefeitura, algumas comissões e grupos organizados têm procurado atuar sistematicamente no desenvolvimento da qualidade de vida de Vitória. Devem, no entanto, estar atentos e se precaver contra os interesses especulativos e conservadores que freqüentemente determinam com eficácia os destinos da cidade.

Voltando então ao início, podemos daqui, de onde estamos, superar a crise, ou pelo menos desprezá-la. Uma cidade para que seja solidária, dinâmica, bonita e culta, depende fundamentalmente de seus cidadãos. Uma crise, decidida por alguns senhores, em alguma outra cidade, pode surtir pouco efeito aqui, desde que o nosso lugar seja um bom lugar para se viver.